2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 45. QUINTA FEIRA, 17 DE JUNHO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO DE GADOS EM BELEM.

O louvavel empenho com que S. M. El-rei se dedica a tudo quanto póde promover os interesses economicos do paiz está mais uma vez manifestado na exposição de gados, que domingo se abriu na real quinta de Belem. Lamentamos que estes importantes factos economicos não tenham ponto de apoio na lei, no orçamento, e na obrigada influencia do governo. O esforço individual não póde, por mais zeloso e intelligente que seja, supprir tudo quanto para taes factos nos falta dos preceitos e praticas que regulam a acção governativa. Os nossos governos sempre desviados pelas sendas perigosas das luctas politicas, sempre fortemente preoccupados com os interesses de partido, não dispoem de tempo, nem de intelligencia para o que em outros paizes occupa em primeiro logar todo o cuidado governativo. Só muita fé e muita abnegação podem resistir á fria indifferença com que se retribuem todos os esforços contra a paralisação das nossas verdadeiras forças civilisadoras.

A exposição de Belem, observada na presença destas considerações, é um resultado muito feliz das diligencias feitas para aclimatar entre nós este seguro meio de promover e melhorar a creação de gado, tão importante para o engrandecimento da agricultura. A grande actividade do sr. Ayres de Sá alcançou um resultado que merece muita consideração. O patriotico auxilio de El-rei, sem o qual nada se teria feito, deve ser registado como mais um motivo da sympathia geral que S. M. tem sabido inspirar a todos os portuguezes, que se julgam por muito felizes com a honra de o ter por concidadão. El-rei que presta auxilio ao talento, que se associa a todas as idéas uteis, devia com satisfação presenciar no ultimo domingo as provas de manifestação que a augusta presença de toda a real familia fez apparecer na brilhante reunião de pessoas de todas as classes, que em grande numero concorreram á abertura da exposição. Apesar de que o numero dos productos expostos não seja muito avultado. Sentimos bastante a falta de um catalogo a que podessemos recorrer, para mais especial noticia da exposição. Nos animaes domesticos os coelhos expostos pelo sr. infante D. João, e nas aves, os pombos expostos pelo sr. infante D. Luiz, e as gallinhas do sr. Vasconcellos, pareceram-nos digna de attenção. Nas flores são concorrentes á exposição a real quinta de Belem, a camara municipal. Os cravos expostos, pela variedade de côres e de matizes são muito notaveis. Na exposição de gado se incluem 45 productos do gado cavallar e muar. A maxima parte, pertencente a El-rei, consta do producto da raça de Alter e de crusamentos da raça de Alter com a raça arabe, e da raça ingleza com a arabe. Pondo de parte a incontestavel primazia que na Peninsula se dá á raça de Alter, parece-nos que o ultimo crusamento a que nos referimos, tem productos de muita [illegible]lia. Nos productos expostos pelo sr. Rafael José [illegible] Cunha, notamos as eguas que se podem classificar raça para trabalho. Tem aspecto corpulento e denotam força — talvez a raça careça de mais sangue para ter mais viveza — para apresentar a força da organisação mais pronunciada por meio dos musculos que devam sobresahir mais á carne; mas o producto é bom e util para as necessidades da nossa viação, que não póde continuar como está. Os srs. Pintos Bastos apresentaram alguns productos que acreditam as creações da Vista Alegre. Uma parelha de cavallos ruços apresenta todo o garbo e força dos cavallos alemães, usados para tiros: esta parelha e outra muar são ambas de excellente estructura. Tambem é para notar um corpolento cavallo baio do sr. Chichorro; e dois poldros da mesma raça merecem attenção. Os productos da raça dos bois da Asia, vindos da real quinta de Mafra, são muito notaveis. Vimos algumas vaccas de boa raça, pertencentes ao sr. Maillart. E' muito curioso o casal de bois, da ilha do Pico, e que pertencem ao sr. Eugenio de Almeida. Com prazer se observam alguns exemplares de car-

neiros merinos, pertencentes ao sr. duque de Palmella.

A exposição prova que no paiz se comprehende a importancia da creação dos gados, e que muito se deve esperar da sua repetição no futuro, em periodos determinados, e conforme o que se pratica em todos os paizes que entendem quaes são os verdadeiros meios de promover a prosperidade publica.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

DO MODO DE LAVRAR AS TERRAS.

Parecerá a muitas pessoas desnecessario este artigo pelo seu objecto, persuadidas de que póde qualquer lançar mão de um arado e abrir os regos. Mas o caso é saber fazer este trabalho como deve ser, porque cumpre attender ás differentes profundidades dos regos conforme as qualidades das terras, uma das cousas principaes na agricultura para se alcançar boa colheita. Quanto mais fundo é o sulco mais aproveita aos cereaes que recebe, porque tomam da terra maior porção de alimento.

Não costumo fazer lavrar as terras fortes, pretas, ou cretosas, quando são muito embebidas das aguas da chuva; neste caso deve ficar a terra de pouzio, ser aberta pelo arado repetidas vezes, e estrumada até perder a crueza que tinha tomado. Quando se lavram terras das sobreditas qualidades, o agricultor pode dar ao rego a profundidade que o arado permitte, comtanto que o terreno seja composto da mesma terra tanto á superficie como em a camada inferior. Algumas vezes encontram-se camadas diversas da que se vê á superficie, como saibrosas, de gesso, e outras, que sendo cruas e frias por serem privadas da influencia atmospherica produzem um effeito tão mau nas terras, que ás vezes é preciso passarem annos para se tornar boa a superficie. Deve, portanto, graduar-se a fundura do rego conforme a altura dos stratos ou camadas da terra. Nas ditas terras de gesso, etc., sendo todos os stratos da mesma qualidade, póde tambem profundar-se o rego, mas se os inferiores forem de diversa tempera, o agricultor terá muita cautela em não trazer á superficie as terras mais frias, que para se beneficiarem e afinal ficarem boas carecem pelo menos de tres annos de contínuos amanhos, resultando mui consideravel perda de tempo, de trabalho, e de estrumes.

Tratando-se de arar terras paludosas, devem construir-se em primeiro logar vallas profundas e bem adaptadas á localidade, afim de que as aguas estagnadas possam escoar-se livremente. Depois attender-se-ha tambem á natureza da camada inferior do terreno para regular a fundura dos regos. Vendo-se que a terra por baixo é compacta, abandona-se o plano de a profundar. Similhantes terras, que por sua natureza eram humidas e enxarcadas, e que passado algum tempo tornam-se duras, sendo lavradas de novo formam torrões, que é necessario quebrar com massos de pau, e depois passar-lhes uma grade pezada ou nivellador. Sabido é que em todo o caso se ha de attender a dar escoante ás aguas da chuva, que nunca se deixam estagnar com prejuizo da sementeira, praticando-se para esse effeito os convenientes deregos conforme o declive do terreno, podendo-se dividir em quarteirões com certo abaulamento.

Costumo dar ás terras duas lavouras, tanto para as sementeiras de março, como para as do outono, com as circumstancias, porém, que para a cultura de março dou uma lavoura no outono, e deixo passar a invernada, que depura a terra; a outra lavoura é antes da sementeira e com repetidas passagens da grade. Para a cultura propria do outono, mando lavrar logo depois da colheita dos generos produzidos em março; a segunda lavra é na occasião de semear; com a primeira nascem as hervas, que á segunda são tiradas com o extirpador; praticando assim consegui ter sempre os campos livres de ruins hervas, e sahindo melhores os productos, porquanto os grãos semeados podem lançar á vontade suas raizes.

Vi uma terra, que tinha sido alqueivada com o arado, estorroada depois de dois mezes e logo semeada; como póde, pois, em similhante terra nascer a semente com regularidade, se as chuvas que lhe cahiram em cima tiraram toda a soltura e porosidade da terra, que conservava ao findar os trabalhos?

O trigo quer lançar as suas raizes á profundidade requerida, que como todos sabem é de 10 centimetros (obra de tres pollegadas), e então a planta deita filhos. Mas, sendo a terra dura e cheia de torrões, não póde nascer a semente com regularidade, nem tem ficado bem coberta, porque os torrões o impedem. Demais disso, tendo sido lavrado uma só vez o dito terreno, a luzerna que lá esteve rebentando novamente, e alargando as suas fortes raizes, roubava a nutrição ao trigo e á cevada que ficavam abafados.

O arado que julgo melhor é o adoptado em França, na Hollanda, na Italia, e que vae agora ser introduzido em Portugal; o de Dombasle, que é capaz para todos os trabalhos, podendo profundar muito ou pouco segundo fôr necessario, e ser puchado a dois, a quatro, e a seis bois, alongando mais ou menos a corrente; e por todas estas rasões se recommenda a todos os agricultores.

Os animaes mais proprios para lavrar as terras são os bois; n'algumas provincias adoptam os cavallos para maior ligeireza; porém, o que se ganha em tempo se perde muitas vezes em producto. Os bois teem um passo igual e certo, e o abegão póde por isso com maior facilidade dirigir bem o arado, e sustêl-o fixo, dando logar a abrir melhor a terra e dispôr os regos em perfeita igualdade; ao passo que os cavallos pela sua agilidade e presteza dão puxões ao arado, que foge á mão do abegão ou este não o póde dirigir bem na terra, de que resulta frequentemente ser desigual a lavoura.

Prefiro os cavallos quando ha muito grande porção de terras a lavrar, porque não caberia no tempo para serem semeadas adoptar o serviço dos bois, como exemplo nas lezirias do Téjo, que, attendendo ás cheias do inverno, é sempre diminuto o tempo de lavrar para depois se effectuar a extensa sementeira da primavera. J. GAGLIARDI.

FOGO DENOMINADO DE PATENTE.

Fomos á instituição polytechnica em Londres vêr o fogo de patente do doutor Bachhoffner: fomos introduzidos no sallão das leituras e vimos uma grande porção de senhores conversando e rindo á roda d'um fogão com fogo ardendo vivamente, porém ardendo sem bulha. Era um fogão de salla commum com grelhas e aberto todo na frente, com grelhas tambem, dentro das quaes estava um fogo regular, que nos pareceu ser alimentado pelo melhor carvão de pedra. Não vimos cousa particular ou fóra do estylo, sómente observando-se um canno de gutta-percha, tecido, por detraz da fornalha e serpenteando até algum sitio distante da mysteriosa instituição.

O doutor Bachhoffner affavelmente expoz que elle tinha applicado uma bem conhecida combinação a usos communs; que isso que nós tomavamos pelo melhor carvão de pedra, eram simplesmente pedaços chatos de metal (platina), por cima e pelo meio dos quaes passava uma corrente de gaz, de agua simples. Quando se acendia o fogo com uma vela acesa, estas tiras de metal, deitavam um calor muito maior, do que se obtinha do carvão em volume igual; que no entanto, o monte de pedaços de metal era indestructivel; e podemos asseverar que não havia cheiro. As tiras de metal estavam em braza; e a grande porção de chamas radiantes, que se apresentavam a jogar umas por cima das outras, completava a illusão de um fogo vivissimo, do melhor carvão de pedra

O novo fogo póde desde já ser usado em todas as casas, aonde o gaz se acha introduzido; e em todos os casos similhantes haveria uma economia grande, comparada com o custo do carvão de pedra, involvendo o carvão de pedra tambem a economia com lenha, para acender o lume. Porém, os possuidores da patente tem tenção de applicar gaz, não carbonisado, obtido pela decomposição da agoa; e com esta tenção, estão formando uma companhia, para fornecer as cidades e villas. Calculam que este gaz lhes custará perto de duzentos réis por mil pés cubicos. A economia seria levada á habitação do mais pobre, e o carvão de pedra, para usos domesticos, seria desnecessario. Haveria economia tambem em diminuir o perigo de conflagração, e a redução consequente nos termos das companhias de seguro. De certo, todos os serviços de cosinha serão effectuados pelo metal, (qualquer metal) *tão bem* como pelo carvão de pedra. É igualmente applicavel á geração do vapor, com toda a certeza nos engenhos de vapor estacionarios, e talvez que a seu tempo nas locomotivas.

Campo Grande 29 de abril de 1852.

Aniceto Ventura Rodrigues.

QUARENTENAS.

As vantagens das nossas relações com o Brazil exigem que se não exagere a devida vigilancia pela saude publica: e o respeito e consideração que merece o nosso corpo de commercio tambem não permittem que da parte de qualquer auctoridade se falte ao tracto civil que sempre se deve usar. Chamamos a attenção do Governo sobre a seguinte representação, assignada pelos mais respeitaveis negociantes desta praça. Depois do que se passou nas conferencias sanitarias de Paris, é impossivel deixar de rever a tabella de 1821.

Senhora. — Os abaixo assignados, negociantes desta praça, tendo ouvido differentes pessoas intendidas na suspeição dos differentes artigos que se importam do Brazil, e que podem trazer a este reino a febre que grassa naquelle paiz; vem respeitosamente pedir a Vossa Magestade Haja por bem fazer rever por pessoas competentes a tabella de 3 de janeiro de 1821, por que actualmente se qualificam os generos susceptiveis e insusceptiveis, pois que os supplicantes se persuadem que dessa revisão deve necessariamente resultar beneficio ao commercio, sem prejuiso para a saude publica, sendo reputado insusceptiveis alguns artigos como o piassava, os saccos em que vem o assucar, por se acharem impregnados de melaço e este ser insusceptivel; e outros que melhor conhecerão as pessoas competentemente habilitadas. — P. a Vossa Magestade Haja de lhes Deferir. — E R. M.

Seguem-se muitas assignaturas.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXVI.

IR BUSCAR LÃ E VIR TOSQUEADO.

(Continuado de pag. 526.)

Se a vista podesse devorar, os olhos do dominico eram um minotauro contra o jesuita. Tremiam-lhe os beiços de cholera e foi necessaria a confiança que tinha no seu papel, para não manchar a polemica com improperios. Diogo de Mendonça agitava-se e pedia misericordia para o frade com tregeitos sentimentaes. O visitador, na contricção da falsa innocencia, parecia assombrado do effeito da sua venenosa ignorancia.

— « Pois não quer que eu admire a estu-

penda falta de memoria de v. paternidade? » — gritou o procurador, accionando com impeto — « A ordem dos pregadores está enxovalhada; e em S. Roque, n'aquelle deserto, vive-se tão fóra do mundo que nada sôa? É miraculoso! Asseguro-lho eu; o caso ha de ser fallado, eu o tornarei memoravel! O meu nome é fr. João dos Remedios, e graças a Deus ainda posso com esta demanda... mesmo tendo a balança da justiça em um dos pratos a Judas e á sua companhia. V. paternidade se me conhecesse... »

— « De nome tenho essa honra ha muito tempo: louvo a Deus por me dar o gosto de admirar de perto a v. rev.ma »

A civilidade do jesuita era tão correcta na accentuação e no gesto; e o seu ar de ingenuidade tão expansivo que fr. João attribuiu a resposta capciosa a uma grande simplicidade de espirito. Teve até a crueldade de se regosijar de poder escarnecer a sociedade de Jesus na pessoa de um irmão idiota. O secretario das mercês, que não fazia Recursos, é que descorou fulminado com a pericia do mestre.

— « Muito obrigado a v. paternidade! » — replicou o dominico uma oitava acima com jactancia — « São louvores que não mereço. O que lhe prometto, e espero em meu padre S. Domingos, é que um dia cedo saibam mais em S. Roque do negocio *obscuro... panico!* como teve a bondade de lhe chamar. Digo-lhe que ha tres semanas não descanço... »

— « É natural » — observou o jesuita cheio de doçura.

— « Natural? » — exclamou fr. João recrudescendo — « Acha natural? Não dormir nem socegar? Em S. Roque usam da receita?.. »

— « Estou em Santo Antão; mas posso perguntar. »

— « Obrigado! S. Roque ou Santo Antão tudo é igual. Dois gemeos... »

— « Ao negocio, fr. João! Sahe da malfadada feira do Rocio — « acudiu o secretario, offerecendo a mediação faceta.

— « Bem! Iremos á rasão final, *ultima ratio*, como dizem os jurisconsultos. A demanda foi revista contra nós. O desembargo do paço condemnou a egreja e deu a palma aos vendilhões. Iniquidade, subrepção, heresia! *Quid inde?* O que resta? As leis offerecem um meio de reformar a sentença e de obter o provimento... »

— « Ha meia hora nos aggravas tu! Ah! fr. João, porque não começaste logo pelo meio? Não sabias que a virtude consiste nelle? » — observou o ministro cruzando a perna e sorrindo-se do espanto, com que o seu amigo devorava a affronta da interrupção jocosa.

— « Julguei que estavamos tratando serio. O caso é grave, gravissimo, e sinto que v. s.ª lhe ache tanto sal.... »

— « Eu? Pobre de mim... Tenho a bocca insipida desde que me fugiste para os arcos... »

— « São arcos de mais, sr. Diogo de Mendonça! » — gritou o frade encholerisado.

— « Outro tanto digo eu. Vamos para a planicie. »

Fr. João encolheu os hombros. Conhecia o secretario das mercês, e entendeu que era inutil quanto lhe dissesse para o obrigar a ficar serio, visto teimar em levar o caso a rir.

— « Como ia dizendo » — proseguiu o frade — « as leis concedem um meio ao aggravado. É a queixa immediata ao principe, arbitro supremo, pae e tutor dos seus vassallos. É recorrer-se directamente a el-rei, provando o dolo e malicia de terceiro, prepotente no animo dos juizes... Eis o objecto do papel que lancei em nome da justiça e da moralidade, em defeza da religião e da patria, e para confusão e castigo dos hypocritas, manicheus, e conspiradores... »

Aqui o dominico fez uma pausa para respirar, e ao mesmo tempo para medir o terror no semblante da sua victima. O jesuita, longe disso, batia pacificamente com a cabeça o compasso das phrases do rev.mo, e parecia encantado da opulencia dos seus periodos. Fr. João irritou-se de tanta simplicidade. Engrossando a voz e subindo pelo assento da cadeira, continuou:

— Accuso no meu recurso a companhia de Jesus por ter induzido a má fé dos aggravados e ennegrecido as virtudes dos aggravantes. Provo-lhe que entregue á cubiça e á soberba, por vias criminosas, attenta contra a magestade de el-rei, e na sua *terribilidade* põe em perigo a santa religião, machina a queda do tribunal do sancto officio; e vende a patria aos judeus e aos francezes.... O que diz a isto, v. paternidade?... »

— « O que disse um padre nosso vendo o risco de um convento muito rico para uma ordem muito pobre: — Bella obra se não fosse de papel! »

O procurador indignado sentiu impetos de estafar o adversario com uma verrina tirada dos amplos pulmões segundo todas as regras. A comparação do seu recurso a um plano louco de architectura feria-o no mais sensivel amor proprio.

Entretanto conteve-se; e chegou a compadecer-se do visitador, persuadido de que tudo era boçal e desorientado nelle.

— « Socegue v. paternidade »—exclamou com ironia — « esta obra não é tão leve como julga! Cada um dos meus artigos accusatorios está sustentado em uma dissertação de vinte paragraphos, como verá da sua leitura. Estas bases não voam apezar de serem de papel. É um recurso que espero eu dará brado, sem orgulho o digo: e este, asseguro-lhe, que não teve chocalheiro... O sr. secretario das mercês ha de pol-o desde logo, de officio, aos pés de el-rei: e por isso v. paternidade será o primeiro que leve a noticia para S. Roque. »

— « Se fôr do gosto de v. rev.ma » — observou o padre Ventura principiando a sorrir de modo que devia fazer scismar o dominicano. Diogo de Mendonça já tinha formado o seu juiso, e aguardava calado o desenlace.

— « Não violento consciencias! » — acudiu fr. João, tirando o bacamarte juridico com que ia fuzilar a companhia — « Levo a generosidade ao ponto de prevenir a v. paternidade de que poderá ouvir amargas verdades; e talvez fosse melhor... »

— « Lêr eu o papel de v. rev.ma?... — atalhou o jesuita cheio de candura — « É mais seguro para a memoria; entretanto a grande attenção faz o mesmo effeito. »

O dominico vacillou em presença deste sangue frio incalculavel; e se não fosse a persuasão de que o padre era imbecil, desde logo fugia pela porta fóra. Assim, apenas destacou do seu recurso um olhar clemente e compassivo; depois estrangulou o pigarro na garganta, aclarou a voz, e recolheu-se para dar começo á sua leitura. Absorvido nestes preludios perdeu de vista o jesuita, preparando-se para saborear o seu terror, quando chegasse aos *malhões* como chamava a alguns periodos da Philipica forense, cunhados com eloquencia mais feroz. Diogo de Mendonça, que vigiava disfarçadamente o padre Ventura, e principiava a percebel-o, viu-o tirar outro papel de igual volume, e assumir a posição attenta de quem vae conferir a copia com o original.

Fr. João, entretanto, com magestade, com emphase, com movimentos theatraes, leu as primeiras paginas sem levantar os olhos. Principiava o retrato da companhia, e afinando a voz, subia com a antiphona, quando uma interrupção quasi timida do jesuita atirou com o seu espirito das nuvens ao profundo charco da mais completa *mistificação*. S. paternidade muito sereno, todo risonho, e como se estivesse revendo um thema nas aulas, perguntava-lhe:

— « O sr. padre mestre dá licença? A paginas treze, no segundo paragrapho, artigo terceiro, ouvi-lhe lêr assim: « E será tambem « provada outra maior *terribilidade* no progresso « dos seus planos para a monarchia universal, « com exemplos e noticias *das duas Indias*... » Foi de certo precipitação da leitura, porque o seu papel ha de dizer — *e noticias das Indias e America*. A minha copia está fiel. »

É impossivel descrever o que seguiu. O procurador cahia da altura da imaginaria superioridade. O seu papel, o segredo, a salvação do convento apparecia de repente nas mãos dos inimigos, e dava-lhes tanto cuidado, que se divertiam em o conferir com o proprio auctor! O seu orgulho tinha servido de espectaculo aos jesuitas, e pintado por elles ia ser a fabula, o recreio da corte maliciosa! Com os olhos nebulosos, a bocca pasmada, e as faces apopleticas, fr. João poz-se de pé, largou o papel no chão, e quiz ir direito á janella com tentações de sahir por ella. Os miolos deram-lhe uma volta na cabeça, confessou depois; os ouvidos cantavam; e tudo para elle era verde ou encarnado.

— « O meu recurso!... Tem uma copia do meu recurso?!... » — bramiu em um tremulo de voz medonho.

— « Desde hontem, pela manhã! » — respondia o jesuita, placido e reverente sempre, levantando o original, e dando a sua copia ao dominico. — « E tambem me tinham dito que v. rev.ma vinha hoje aqui. Por isso cheguei primeiro. »

Por entre o arco iris, que o frade tinha já na vista, assim mesmo leu, soletrou, ou verificou a copia fiel da « Queixa *immediata ao principe* » e uma nota fatal, que lhe explicou a tranquillidade do algoz. — « A contrariedade será entregue a el-rei ás oito horas da manhã pelo padre Sebastião de Magalhães » — Ainda teve força de se affirmar e viu na longa margem do papel a minuta de uma contestação, que opunha artigo a artigo, paragrapho a paragrapho. Assim, em quanto elle na Calcetaria dava conhecimento do recurso ao secretario das mercês, o confessor de el-rei no paço apresentava á mesma hora a sua contrariedade! Quem lhe roubára esta ultima arma, fechada tantos dias no mais inviolavel segredo, entre elle e Deus?

O papel tornou a escapar-lhe das mãos, e as lagrimas rebentaram pelos olhos. O pezo da desgraça anniquilou-lhe o animo; e quasi que perdeu os sentidos, descahindo na cadeira.

— « V. paternidade matou-me o frade! » — gritava Diogo de Mendonça, que rira a principio da comedia, mas que já a ia achando seria nos effeitos.

— « Eu? Ignoro como! Errou, emendei-o. Que menos podia fazer? «

— « Talvez seja; mas com as suas doçuras todas meteu-lhe no corpo uma apoplexia. O pobre homem não escapa della. Foi uma crueldade, sr. padre Ventura! Deixal-o enganado até ao fim? »

— « Se elle não queria desenganar-se! Então nós em lhe ouvir lêr o seu papel é que ficavamos consolados? Umas poucas de vezes o avisamos, teimou sempre; será nossa a culpa? Queria que elle ferisse e não lhe aparassemos ao menos os bicos á penna? . . »

— « V. paternidade póde ter mil rasões, mas é o meu parceiro de jogo, o censor do meu Propercio, o capellão da minha missa!.. Foi muito pesada, srs. padre da companhia! »

— « Socegue; aquillo passa... é sangue que subiu á cabeça. »

— « Agua, agua! » — exclamou o ministro. — « Ah fr. João! Eu bem disse que davas grande queda daquelles arcos! »

O padre mestre não era dos espiritos que os desastres retemperam e confirmam; pelo contrario era dos animos faceis que o triumpho exalta e a derrota humilha. O choque repentino quebrou-lhe o orgulho, e prostrando a vaidosa esperança que o entretinha, deixou-o abismado diante do infortunio. Estava inteiramente vencido. Os jesuitas iam tornar-se para elle um objecto de terror depois de serem muito tempo o pasto do seu odio.

Em quanto o secretario pedia agua e o lamentava, ia-se elle recuperando da vertigem, e meditando no modo de saír com menos pejo do laço, em que o tinham apanhado. De repente, decidiu-se por uma resolução franca e decorosa. Levantou-se, apertou a mão a Diogo de Mendonça, e dirigindo-se ao padre Ventura, com dignidade triste, disse-lhe:

— « Ha tempo que eu desconfiava disto! A mão occulta que regia a companhia de Jesus era a sua. Agora experimentei!.. Ganhou v. paternidade. O modo não sei; excede a minha comprehensão; é de esperar que fosse christão e catholico... »

O jesuita sorriu-se e Diogo de Mendonça igualmente.

— « Acho-me em perfeito juiso, acreditem! » — proseguiu observando o sorriso. — « Mas se tivessem dictado um papel, fechados com um escrevente idiota, sem mais ninguem saber, e lhes succedesse o que me succede a mim, o que diriam? Se ha magicos e feiticeiros, um delles por força operou este prodigio... »

— « Creia mais em si, sr. fr. João! » — acudiu o jesuita. — « Os meios foram humanos, mas era-lhe impossivel prevenil-os. Fez o que estava da sua parte... »

— « Estou resignado!.. » — replicou o frade abaixando a cabeça — « Confiei de mais em mim e sou castigado. É uma advertencia cruel, mas salutar. »

— « Sr. fr. João, agora que nos conhecemos de perto, e que sabemos que um não deseja opprimir o outro, porque não ha de haver paz entre S. Domingos e S. Roque? Ninguem lucra com a discordia. VV. reverendissimas porque perdem sem gloria; nós porque nos cançamos sem proveito. Acabemos isto. »

— « E o santo officio? » — acudia o procurador vivamente, erguendo a cabeça.

— « Se estiver bem comnosco, julga que nos poremos mal com elle? Defenda a fé; não desejamos outra coisa. A companhia é catholica apostolica romana... »

— « Bem! E a provisão do desembargo? »

— « Ah, fr. João dos meus peccados! Ahi tornam os maldictos arcos; não te passam da garganta! » — exclamou rindo Diogo de Mendonça.

— « Dava os arcos se me tirassem a vergonha. »

— « Veremos! Talvez o remedio seja facil » — disse o jesuita.

— « Os remedios de v. paternidade » — acudiu sorrindo o pobre fr. João — « são tão fortes!.. Tenho medo que alguem me levante agora de mais os arcos que o outro ia arrazando. »

— « Então queria que a nossa vida se fosse nisto? V. reverendissima a atirar-nos ao coração e nós a fugir dos tiros? Pareceu melhor procurar por lá quem roubasse as balas... »

— « Fogo de polvora secca! ? » — acudiu Diogo de Mendonça a rir e a esfregar a mãos. »

— « Senão aonde estaria a companhia? » — replicou o jesuita.

— « Poderei saber o nome do meu denunciante? » — disse o frade com um peso de odio immenso na voz e na physionomia.

— « Que é isso, Thomé das Chagas, o que faz ahi? » — exclamava o ministro ao mesmo tempo, apercebendo colladas á porta entre-cerrada as longas orelhas do devoto.

— « Estava em baixo, pediu-se agua, e mandaram-me com ella. É coisa de cuidado? Nosso Senhor seja comnosco? »

— « Nada, passou. Leve a agua. Tome sentido. Domingo temos visitas á missa. Quero o oratorio e a sachristia como um palmito, percebe? »

— « Sr. fr. João » — respondia entretanto o padre Ventura — « deixemos o peccador que elle se entregará. Asseguro-lhe que não torna a tel-o á sua ilharga... se formos amigos. Esta meia hora aqui não hade ser perdida. Os antigos, que eram muito doutos como sabe, disseram por isso que dois reis inimigos deviam conversar um dia antes de se declarar a guerra. »

— « De certo! Mas o peior de tudo é que eu não percebo. Sei só que levei uma licção. »

« Assim é bom, fr. João!.. » — atalhou o secretario. Vae descançado; não ha de transpirar nada. »

— « Nem deve! » — acudiu o visitador.

— « Quanto aos maldictos arcos... » — continuou Diogo de Mendonça.

— « É negocio concluido. O hospital levanta a renda, obrigo-me eu. » — disse o jesuita. — « Os adelos estão quatro palmos fóra do alinhamento; e o senado obriga-os a recolher; está prompto a fazel-o. Ora recolhidos os logares, os adelos entram por força para dentro e ahi estão na propriedade do convento... »

— « E pagam irremissivelmente! » — gritou fr. João.

— « Assim parece. Então o que diz? »

— « Acho excellente! E no meio dos meus planos passar-me este, de todos o mais simples?!.. »

— « As coisas simplices nem sempre occorrem. Depois faltava convencer o senado e o hospital, e não é facil! »

— « Fr. João, estás a tremer de frio, estás pallido, não abuses » — observou o secretario das mercês. — « Eu mando pôr a sege e vae para o teu convento. Olha que domingo é o jantar de Lourenço Telles e elle morre se nós faltamos. »

— « Adeus! » — disse o dominico, que tinha a consciencia do triste papel e mostrava repugnancia em deixar os dois aos piparotes na sombra. — « Sinto-me constipado e com ardores de garganta... Sr. padre Ventura, a licção foi um pouco pesada, e peço tempo para convalescer... »

— « Mas o dito dito? »

— « De certo. Espero que não julgue de mim por esta infeliz campanha... »

— « Os bons generaes nem sempre ganham... »

— « Mas fica-lhes a honra da retirada! Eu perdi tudo, armas e carretas. »

— « Acredite-me: digo-lhe que venceu mais do que podia esperar. »

— « Talvez! » — respondeu já da porta o frade com certa jovialidade. — « Mas Deus me livre de outra victoria similhante. »

Os dois riram de boa vontade; e dahi a pouco ouvio-se rodar a sege. O visitador, chegando á janella, olhou por ella; Diogo de Mendonça imitou-o. Dahi voltaram-se um para o outro muito serios, repetindo ao mesmo tempo:

— « Estou ás suas ordens! »

Queria dizer isto que o intermedio comico tinha acabado, e que o verdadeiro drama ia começar. Vejamos como foi.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXVI.

UM INTERROGATORIO.

Aos que bem conhecem a physionomia, aos que são dotados da rara faculdade de lêr no rosto dos homens as qualidades, os vicios, as propriedades do seu espirito, deve-lhes ser possivel muitas vezes perceber intuitivamente, ao verem o retrato de um rei, a tendencia, e indole historica do seu reinado.

Quem observar attentamente os retratos dos reis de Portugal não deixará de encontrar grande concordancia entre a fórma, a expressão do rosto de muitos delles, e o caracter que manifestaram nos seus actos politicos, nas suas sympathias pela guerra ou pela paz, no seu cégo fanatismo, ou no seu zelo sincero e louvavel pela religião. Em nenhum, porém, essa concordancia se manifesta de um modo mais evidente, mais incontestavel, do que em D. João III. Quem, ao attentar bem naquella physionomia triste, severa, sombria, quasi monastica, não sentirá logo, que

no reinado daquelle principe a grandeza das armas portuguezas acabou, e que o poder do fanatismo, da intolerancia, e da cobiça, sobrepujou todos os outros poderes, tolheu para sempre todos os esforços na nação para conservar a liberdade, a independencia, a riqueza, e a gloria? Quem não verá que a decadencia começou alli, que essa serie de catastrophes, rapida, constante, fatal, irreparavel, que fez da nação mais feliz e poderosa da Europa uma nação fraca, desmoralisada, esquecida e desestimada de todos, principiou no reinado de D. João III?

Foi este rei quem, para fallar exactamente, extorquiu ao papa a auctorisação para estabelecer em Portugal o terrivel e cruento tribunal da inquisição; e com esse tribunal vieram a pobreza, a devassidão, a vingança, o terror cobrir de ruinas este reino. O anjo da custodia de Portugal, vendando com as azas immaculadas os olhos para não vêr o clarão sinistro das fogueiras homicidas da inquisição, fugiu espavorido e horrorisado.

Havia neste reino naquelles tempos grandissimo numero de judeus, de pouco convertidos á fé de Christo; maus catholicos talvez, mas emfim tão baptizados como os melhores christãos, que viviam em segurança e em paz, confiados na promessa que solemnemente lhes fizera D. Manuel e D. João III « de os favorecer e tratar como os proprios christãos velhos, sem delles serem distinctos, e apartados em coisa alguma. » Esses taes, a que chamavam a *gente de nação*, haviam-se enriquecido pelo commercio, porque eram a parte activa, industriosa, commerciante, laboriosa do povo portuguez, que então vivia como um morgado rico na indolencia e na dissipação. Quizeram despojal-os de seus haveres e riquezas, tirar-lhes a influencia, que lhes davam as vastas relações commerciaes que mantinham com todos os povos do mundo, quizeram sacrifical-os em nome da religião christã, á cubiça do clero, á ambição e avareza dos fidalgos, e instituiram para esse fim um tribunal iniquo, atroz, sem consciencia, que condemnando promiscuamente innocentes e criminosos á deshonra, á tortura, á morte, fez fugir de Portugal o commercio, a industria, e a riqueza, lançou a desconfiança nas familias, a delação, a vingança, o fanatismo na sociedade, destruiu todos, fez de uma nação grande e conquistadora uma nação miseravel, pobre e deshonrada pelos estrangeiros, fez de um povo robusto e ousado um povo de fanaticos e judeus.

Naquelle tribunal, a que se dava como por atroz escarneo o nome de *santo officio*, tudo parecia combinado para satisfazer a crueldade, a injustiça, e a devassidão de inquisidores sem probidade. O modo por que se recebiam as delações, por que se interrogavam os denominados réos, por que se instauravam e levavam por diante os processos, o segredo, e mysterio, que envolvia todos os actos do tribunal, as causas por que se infligiam os supplicios mais crueis, causam indignação, asco, horror, a quem tem no coração o sentimento da justiça e da moralidade, a quem comprehende as santos e puros dogmas da religião de Jesus Christo.

Para se apossarem dos bens de alguns homens de nação, ou para se vingarem de um inimigo, os inquisidores e todos os outros agentes e adherentes do santo officio não recuavam diante de nenhuma infamia, não hesitavam em commetter a mais repugnante immoralidade. Um inquisidor para levar ao supplicío um negociante rico ameaça uma filha delle que apenas tinha dez annos de lhe queimar as mãos n'um brazeiro, senão confessar que seu pae flagellou a Christo: outro, com o baculo do bispo, fere na cabeça uma pobre serva, para a obrigar a calumniar seus amos. Esposas castas, candidas e innocentes donzellas, são arrastadas pelas mãos sacrilegas dos familiares da inquisição a carceres medonhos, e ahi, quando as carnes dessas fracas mulheres são dilaceradas pelos tormentos, a sua formosura serve de incitamento para as paixões brutaes e impudicas de hypocritas e despiedosos algozes. Muitas das victimas daquelle abominavel tribunal, para escaparem á deshonra, aos tormentos do potro, ao pez ardente, as retaliações, e ás mutilações, recorrem ao suidicio, outras ao perjurio e á calumnia contra os mais intimos e mais proximos parentes.[1]

Que tribunal se póde comparar na injustiça, na arbitrariedade, no continuo postergar todos os principios da moralidade e do christianismo ao *santo* tribunal? Bastava o incoherente depoimento de testimunhas não contestas, para levar um desgraçado á inquisição; depois o processo todo estava compendiado nos dois adagios, que o povo repetia naquelles tempos, e que os proprios inquisidores não tomavam por affrontosos, antes consideravam como devendo servir de norma aos seus julgamentos: — « Dai-me vós christão novo, dizia um dos adagios, que eu

[1] Informações ao papa — *Symmicta Lusitanica. Ex ms. codicibus bibliothecæ apostolicæ vaticanæ.*

vol-o darei judeu » — outro adagio resava da seguinte maneira:

Dame-lo confesso
Qu'yo te lo dare quemado.
Deja-me haver el processo
Y juzgue-lo su padre.

Eis a theoria da inquisição como o povo a intendia, formulada com horrivel singeleza, porém com exacta verdade.

Nos seus julgamentos os inquisidores não seguiam nem o direito civil, nem o canonico, nem leis particulares dadas pelos reis de Portugal, nem bullas dos papas a quem por vezes recusaram obediencia: eram elles que faziam as leis e julgavam por ellas, involvendo tudo, leis e processos, de tenebroso e impenetravel segredo. Era um homem accusado por falsos delatores, de não comer carne de porco, nem de coelho, nem de lebre, nem peixe de pelle, de vestir camisa lavada aos sabbados, e de outras coisas, que hoje nos fazem rir, mas que o *santo* tribunal reputava verdadeiros crimes; e ficava provado assim que esse homem *judiava*. Se vendo-se accusado por calumniadores e inimigos seus, elle recusava confessar *um crime* de que estava innocente, por ser verdadeiro christão e ter consciencia e probidade, ia a morrer por *negativo*. Se depois de haver, para salvar a vida, declarado ser judeu e pedido perdão, não acertava, não adivinhava os nomes de todas as testimunhas que deposeram contra elle, ia a queimar por *diminuto*. Se conhecendo que não escapava á morte mesmo depois de ter confessado culpas que não cometera e pedido misericordia, se desdizia de tudo, então era justiçado por *variante*, *revogante*, *ficto*, *falso*.[2]

Era deste modo, era offendendo os mais singelos e universaes principios da justiça e da moral, era profanando sacrilegamente o nome do direito para satisfazerem ruins paixões e apossarem-se das riquezas da nação, que os inquisidores, esses possessos da gente de fanatismo, diziam querer destruir o judaismo e tornar Portugal a nação mais ortodoxa do mundo.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

[2] Padre Vieira. Obras manuscriptas. — *Colecção de discursos politicos.*

NOTICIAS E COMMERCIO.

Noticia official do terremoto de S. Miguel. — Governo civil do districto de Ponta Delgada — 2.ª repartição — numero 40 — illm.º e exm.º sr. Em data de 23 de abril proximo passado, tive a honra de levar ao conhecimento de v. ex.ª o que nesta cidade se tinha passado por occasião do violento terremoto, que teve logar nesta ilha no dia 16 do predito mez, e não podendo então dar a v. ex.ª mais do que uma leve idéa, dos estragos por elle occasionados, agora o faço mais detalhadamente, á vista das informações obtidas de todos os pontos deste districto.

O terremoto sentiu-se com violencia em toda a ilha, e em toda a parte causou mais ou menos ruina. Nesta cidade soffreram sem excepção todas as casas, e grande parte dellas não resistiriam de certo a um outro abalo, que por desgraça tivesse sobrevindo igual áquelle. A igreja de S. Pedro, desta cidade, achase em estado de grande ruina, e todas as mais igrejas abriram algumas fendas. As freguezias ruraes deste concelho soffreram muito, e com especialidade o logar das Feteiras, ficando muito arruinada a igreja de Santa Luzia daquelle logar, bem como a igreja de S. Roque, do logar de Rasto de Cão. Segundo as indagações colhidas, calcúlo os estragos, que tiveram logar neste concelho, no valor de 35 a 40 contos de réis.

Na Villa da Lagôa todos os edificios soffreram varios estragos, e com especialidade o convento dos extinctos franciscanos; não havendo comtudo perda de vida alguma a lamentar naquelle concelho.

Em Villa Franca do Campo todos os edificios soffreram mais ou menos, e com especialidade a igreja de S. Pedro, que sendo de abobada abriu uma grande fenda de nascente a poente, abatendo duas pollegadas para o lado do sul.

Nos concelhos da Ribeira Grande e Capellas, foi de certo aonde o tremor se sentiu com maior violencia; é tristissimo o quadro que apresentam os administradores daquelles concelhos, relatando os estragos que nelles tiveram logar.

Na villa das Capellas foram demolidas meia duzia de casas de fraca construcção, ficando arruinadas muitas outras, sendo igualmente demolidas a maior parte das paredes e tapumes de differentes predios. Na freguezia de Santo Antonio a igreja daquelle logar soffreu consideraveis fendas; a capella e altar da ermida de N. S. do Rosario, perto da rocha, e junto ao cemiterio publico, abateu-se ficando as santas imagens envoltas nas ruinas, sendo dahi tiradas sem maior estrago, e conduzidas para a parochia onde existem por se achar o resto da ermida em estado de se não suster em pé por muito tempo, caindo igualmente varios pedaços do muro do dito cemiterio.

Os moinhos daquelle logar, que são edificados na rocha não soffreram estrago algum; porém, um grande rochedo que em seguida ao abalo, desabou do cimo della cortou todo o caminho da parte do norte, obstruindo um outro igual, o da parte do sul, e ficando dest'arte alli cortadas para cima de vinte pessoas, que pela beira-mar e atravessando grande distancia

de altos calhaus, poderam desta forma escapar-se ao emminente perigo que alli corriam. Posteriormente cahiram alguns rochedos, que obstruiram inteiramente a communicação para as fontes, de que aquelles habitantes se servem no estio, desabando igualmente varias barreiras, que obstruiram aquellas estradas.

No sitio da Cruz dos Moinhos, em Santa Barbara, todas as casas que não foram demolidas se acham em estado de ruina, tendo cahido algumas depois do abalo. Neste sitio foram desgraçadamente victimas duas raparigas, que ficaram sepultadas nas ruinas de suas casas.

No logar da Bertanha a igreja parochial de N. S. d'Ajuda soffreu grandes estragos, abrindo consideraveis fendas, e a torre da mesma igreja corre grande risco de abater-se, tendo cahido do cimo della varias pedras, que arrombando o tecto da dita igreja, foram cahir em um corredor defronte da capella do Santissimo, e ficando a dita torre de tal forma desconjuntada, que não permitte que os sinos dobrem.

Neste logar pereceu um rapaz sepultado nas ruinas de uma empena da casa em que morava, presenceando seus afflictos paes esta scena de horror, e perecendo de igual maneira uma mulher creada de servir.

O geral das casas deste logar, que não cahiram, no todo ou em parte soffreram tambem grandes ruinas, que algumas dellas foram abandonadas por seus donos e moradores.

Nas freguezias de S. Vicente e Fanaes da Luz houveram igualmente grandes ruinas, demolindo-se algumas casas de mais fraca construcção.

Na villa da Ribeira Grande e freguezia da matriz, foram derribadas em parte quatro casas, e soffreram todas as outras da villa mais ou menos estragos, soffrendo igualmente a torre da igreja matriz.

No logar da Ribeirinha acham-se em geral arruinadas todas as casas, ficando levemente ferido um individuo.

No logar das Gramas, da mesma freguezia matriz, foi completamente derribada uma casa, ficando sepultada em suas ruinas uma menina de cinco annos, e sua mãe em perigo de vida; quasi todas as casas soffreram grandes ruinas, e grande parte dos caminhos ficaram obstruidos.

No valle das Caldeiras quatro casas das melhores soffreram derribação em parte, ficando todas as outras arruinadas.

No Porto Formoso foram derribadas em parte sete casas, sem que felizmente perigasse pessoa alguma, ficando arruinados todos os demais edificios. Na freguezia de S. Pedro pela derribação de tres casas, foram feridas cinco pessoas e destas tres gravemente. Na Lomba de Santa Barbara da mesma freguezia foram derribadas completamente oito casas, achando-se em estado de completa ruina a igreja de Santa Barbara do referido logar, ficando ferido gravemente neste desastre um individuo; mais nove casas foram derribadas proximas a esta freguezia sem que comtudo por essa occasião perigasse alguem. A ermida da Mãe de Deus da freguezia de S. Pedro foi derribada em parte, e todas as casas e muros se acham arruinados.

No logar de Rabo de Peixe foram em parte derribadas nove casas, ficando sepultadas nas ruinas de uma dellas por espaço de meia hora uma familia de seis pessoas, escapando cinco com graves contusões, e perecendo apenas uma creança de quatro mezes de idade. Na freguezia da Conceição foram derribadas em parte cinco casas, perecendo sepultadas em suas ruinas duas infelizes creaturas e maltratadas outras duas. Nas freguezias da Maia e Lomba, cahiram dez casas em parte sem que comtudo perigasse alguem.

Em todos os outros concelhos nada de notavel occorreu, que mereça especial menção, nem tão pouco me consta até hoje que tenha morrido pessoa alguma, das que ficaram maltratadas.

Devo levar ao conhecimento de v. ex.ª que nomeei logo nesta cidade uma commissão, encarregada de colher esmolas dos seus habitantes, a fim de se suavisar por alguma forma a triste situação de alguns desgraçados, que ficaram sem ter ao menos uma triste choça aonde se abrigar.

A commissão tem-se esmerado em cumprir com o maior zelo a nobre missão de que foi encarregada, não tem ella para isso poupado esforços; mas fracos teem sido os recursos obtidos para acudir a tamanho mal. Todos soffreram, os rendimentos da laranja de que immensas familias se sustentam nesta ilha, foram para muitas escacissimos, para outras nenhuns, o que tudo me fez logo prever qoe fracos recursos obteria por aquelle meio.

Nomeei igualmente uma commissão em cada concelho para igual fim, devendo algumas esmolas por essas commissões colhidas serem remettidas á commissão central desta cidade, para por ella serem distribuidas pelos pobres que mais soffreram.

Não me posso dispensar de rogar a v. ex.ª, ainda uma vez, queira levar ao conhecimento de sua magestade o triste relatorio que acabo de fazer a v. ex.ª para que a Mesma Augusta Senhora se digne soccorrer, por qualquer forma, os habitantes pobres deste districto, que por esta occasião tanto soffreram.

No meu ultimo officio fiz ver a v. ex.ª o proposito em que estava de fazer remover os presos das cadêas desta cidade, e agora cumpre-me me dizer a v. ex.ª que de combinação com o exm.º presidente da relação fiz com que elles fossem removidos para a cadêa de Villa Franca do Campo, aonde ao menos não correm o imminente risco de ficarem sepultados em ruinas.

Além disto, trato de ver se arranjo, no sitio da Madre de Deus desta cidade, aonde existem uns fornos do estado, um local seguro para poder guardar provisoriamente alguns presos, que tenham de responder a processos nesta cidade bem como qualquer individuo, que de um para outro momento seja necessario guardar em custodia.

Cumpre-me declarar a v. ex.ª que taes medidas, filhas unicamente da mais urgente necessidade, são um triste remedio para o nosso mal, pois que achando-se as cadêas de Villa Franca a cinco leguas desta cidade, bem póde v. ex.ª imaginar o gráo de transtorno, que vae causar a estada daquelles presos a tamanha distancia da capital deste districto, sendo além de tudo o mais necessario conservar alli uma força de 40 homens, quando é tão diminuto o numero de praças que tem o batalhão existente nesta cidade.

A prisão provisoria que me vejo forçado a fazer

no sitio da Madre de Deus, é de certo um tristissimo recurso, de que lancei mão por não encontrar outro algum, pois nem aquelle local tem a commodidade devida, nem tão pouco é proprio, por ser aquelle sitio o unico passeio, o unico ponto de recreio, que tem esta cidade, accrescendo a tudo isto não ter sufficiente logar, nem espaço para mais de dez ou doze pessoas.

Lancei mão deste unico recurso tambem de combinação com o exm.º presidente da relação, e sei que s. ex.ª nesta data se dirije ao exm.º sr. ministro das justiças, em conformidade com tudo o que levo expendido.

Eu bem vejo que sou importuno, mas certo estou que v. ex.ª ha de desculpar-me se de novo lhe fizer ver a absoluta necessidade, que ha da edificação de uma cadêa na capital do districto judicial dos Açôres, e a urgencia que reclama similhante obra.

Para este fim confio, e todos os habitantes deste districto, no prompto remedio que dará a este mal o governo de sua magestade, que tanto tem attendido ás suas necessidades.

Deus guarde a v. ex.ª, governo civil de Ponta-Delgada 18 de maio de 1852.

Illm.º e exm.º sr. ministro e secretario de estado dos negocios do reino.

O governador civil
Felix Borges Medeiros.

Expedição ao Japão. — Este imperio tem sido um livro fechado ás diversas nações cultas da Europa, porque pouco se conheceu de seus recursos e costumes, nos periodos de nossas relações e dos hollandezes com aquelle paiz remoto. Todo o trafico que estes alli faziam limitava-se á entrada de dois navios por anno no porto de Nangasaki; o valor das duas carregações podia ser de 300:000 pezos duros; e consistiam em assucar, estanho, fio de algodão, pimenta preta, cravo da India, chumbo, pannos, lãs, camelões, e muitos outros objectos menos importantes; traziam em troca cobre e camphora.

A politica exclusiva do Japão não é só applicavel aos povos do occidente; todos os do oriente, excepto os chinas, igualmente eram repellidos. Os juncos chinezes são admittidos no porto de Nangasaki.

A dynastia tartara por muito tempo se gloriou de excluir o mundo de relações honrosas com a China. Uma frota britannica felizmente poz termo a essas pertenções arbitrarias. Agora os Estados-Unidos do Norte da America emprehendem a mesma obra quanto ao Japão. A expedição foi resolvida em Washington; dirige-a o commodoro Perry, sendo composta de tres fragatas a vapor, a *Susquehannah*, o *Mississipi*, e o *Princetown*, uma fragata de véla e uma chalupa. O bom exito da empreza parece seguro; esta força maritima dictará ordens em Nangasaki, e Jeddo. Ainda que os japonezes são de casta mais bellicosa do que a raça chim, nada poderão contra a artilheria das fragatas; demais disso, as costas são perfeitamente conhecidas dos baleeiros americanos, bem como o estreito de Sangara que divide Niphon de Jesso.

A Inglaterra pouco sabe do Japão. Quando em 1616 o imperador desta região lhe facultou o estabelecimento de uma feitoria, a companhia das Indias acceitou a offerta, mas em breve largou o campo em consequencia do pouco resultado das primeira diligencias. Em 1672 tentou renovar as relações interrompidas; mas, o Japão recusou-se, diz-se que por odio a Portugal, que lá quizera introduzir o christianismo, tendo então Carlos de Inglaterra casado com uma princeza nossa, D. Catharina que nos levou em dote Tanger e Bombaim. Pelos fins do seculo 18.º uma commissão especial foi encarregada de proceder a um inquerito sobre a utilidade do commercio com as ilhas do Japão. Houve nessa época seis industriaes inglezes que reprovavam a idéa de novas relações, a pretexto de que sendo o cobre o unico genero que se podia extrair daquelle imperio, tal importação seria perjudicial ao cobre indigena. Os hollandezes ainda conservaram o monopolio do commercio com o Japão, mas por negligencia deixaram perder todas as vantagens.

É provavel que a expedição americana abra ao commercio do mundo esse novo mercado. A rasão directa do ataque dos Estados-Unidos é esta. — O governo japonez não se limita a excluir os estrangeiros; nem sequer consente aos navios passarem ao alcance da artilheria de suas praias, e no anno passado 121 baleeiros foram obrigados a ficar nos portos das ilhas de Sandwich, longe do local da pesca, pela impossibilidade de se approximarem das costas japonezas.

Vapores entre Liverpool, Lisboa e Brasil. — *Companhia anglo-brazileira de navegação a vapor.* — Os novos e excellentes barcos a vapor. — *Cleopatra*, de 1:500 toneladas, e força de 300 cavallos. — *Miranda* de 1:500 toneladas, e força de 300 cavallos. — *Viola* de 1:500 toneladas, e força de 300 cavallos.

O primeiro barco da companhia *Cleopatra* sairá de Liverpool no fim de junho, e apenas se demorará em Lisboa 24 horas (o dia preciso da saida será fixado á chegada do proximo paquete) com destino para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

Preços de passagens, incluindo sustento, á excepção de vinhos e liquores.

De Lisboa a Pernambuco — lb. 22»0»0 na 1.ª camara; lb. 16»0»0 na 2.ª camara.

De Lisboa á Bahia — lb. 27»0»0 na 1.ª camara; lb. 18»10»0 na 2.ª camara.

De Lisboa ao Rio de Janeiro — lb. 32»0»0 na 1.ª camara; lb. 21»0»0 na 2.ª camara.

As salas e camarins são grandes e elegantes com quartos de banhos juntos, e todo o melhoramento no arranjo e ventilação tem sido adoptado para commodidade e bem estar dos passageiros.

Tem a bordo cirurgião, e criadas para as senhoras; os passageiros portuguezes terão criados e cosinheiros portuguezes.

Todas as mais informações dão-se no escriptorio do agente George A. Hancock, rua do Arco de Bandeira n.º 15, 1.º andar.

O cavalheiro Luiz Cibrario. — É o novo ministro da fazenda da Sardenha que substituiu o muito intelligente mr. Cavour. O cavalheiro Cibrario é um dos mais distinctos escriptores da Sardenha, e é geralmente considerado como um dos primeiros escriptores da litteratura contemporanea em Italia. É

auctor de uma historia da casa de Saboya, bem conhecida e apreciada pelos sabios da Europa. Foi outrora conselheiro do tribunal de contas e por algum tempo chefe de uma repartição no ministerio da fazenda. Era membro e secretario do senado. Ha pouco foi nomeado secretario da ordem real de S. Mauricio e S. Lazaro. Em 1848 esteve em Portugal, tendo sido enviado ao Porto juntamente com mr. Collegno, agora ministro da Sardenha em Paris, para da parte do senado cumprimentar o rei Carlos Alberto. Escreveu uma interessante relação da sua viagem e da sua visita ao augusto proscripto.

O nosso correspondente de Pernambuco nos informa o seguinte em data de 21 de maio. — Tinha chegado de Lisboa no dia 18 o brigue portuguez *Tarujo* 1.°, e saido para Loanda no dia 12 o brigue portuguez *Oriente*. Ficavam alli, além do *Tarujo* 1.°, quatro embarcações portuguezas; destas a sahir para o Porto até ao fim de maio o brigue *Maria Feliz*, a galera *Bracharense*, e o brigue *Bom Pastor*, o qual devia tocar na Parahiba afim de receber 600 saccas de assucar; e para Lisboa a barca *Olimpia*.

Do azeite doce de Portugal havia abundancia. Os preços dos nossos vinhos com direitos pagos eram, de Lisboa tinto 125$000 rs. por pipa, dito branco de 115$000 rs. da marca PRR, os tintos de outras marcas, de 110$000 a 140$000 rs. da Figueira de rs. 118$000 a 128$000 rs. Vinagre de Portugal de 56$000 a 70$000 rs. a pipa. Toucinho de Lisboa de 8$000 a 8$500 rs. a arroba; havia falta de paios de Lisboa, mas tinham o preço de 1$920 rs. a duzia, pagando 100 rs. de direito por libra.

Preços dos principaes generos de exportação. Assucar branco de 2.ª sorte 2$300 rs. por arroba, de 3.ª 1$950 a 2$200, de 4.ª 1$850 a 1$900 ultimas qualidades 1$750 a 1$800 rs. Mascavo escolhido 1$400 e 1$150, dito regular 1$300 a 1350 rs. Algodão 1.ª sorte 5$400 a 5$500, dito 2.ª sorte 5$000 a 5$100. Couros salgados a 105 rs. a libra.

Cambio sobre Lisboa 92 a 95 por cento. Fretes do assucar para Lisboa 200 rs. a arroba para o Porto 250 rs.: do algodão 600 rs. por arroba para Lisboa, e para o Porto o mesmo.

Venda dos quadros do marechal Soult. — O resultado desta venda foi 1.477:830 fr. A familia do marechal ficou ainda com bons quadros de Murillo a saber: *O nascimento da Virgem* — *O milagre de S. Diogo* — *A glorificação da Virgem*. Além destes ficou tambem com 3 quadros de Zurbaran, com o *Milagre do Crucifixo* de Ribera e o *Abraham* de Navarrete — *A Natividade* que é talvez do mesmo valor que a *Conceição*, a qual foi vendida por 586 mil francos, apenas chegou a 90 mil. *O ultimo dos Cesares* de Ticiano foi vendido a um inglez por 63 mil francos. O duque de Galliera entre outros quadros de merito comprou um quadro pequeno de Murillo, *S. Antonio de Padua*, por 10:200 francos: é um verdadeiro primor d'arte

M. de Bruni director da galeria imperial de S. Petersburgo comprou o *S. Pedro* de Murillo — *Jesus e S. João* infantes pelo mesmo — *Christo levando a Cruz* por Sebastião del Piombo e um *S. Francisco* por Sebastião Gomes. É facto averiguado que um agente do governo hespanhol estava encarregado de comprar a celebre *Conceição* de Murillo. O agente da Russia e lord Hertfort chegaram até 500 mil francos, e foi o agente da Hespanha que lançou até 585 mil francos. Não sabemos se o governo portuguez tractou de averiguar se na collecção havia algum quadro de auctor portuguez e se no caso de o haver cuidou em auctorisar alguem para o comprar. As nossas finanças não poderiam servir de desculpa em vista do nobre exemplo da Hespanha.

M. Pouillet. — Este distincto membro do instituto, que estava desempregado desde que foi dimittido de director do conservatorio das artes e officios, acaba de ser empregado no banco de França, approveitando por tal forma o banco este grande talento.

Praça de Lisboa. — 16 *de junho*. — Inscripções de 5 por cento, 41 a 42. — Inscripções de 4 por cento, 32 a 33. — Inscripções de 3 por cento, 31 a 32. — Acções do Banco de Portugal, 355$000 rs. a 360$000. — Acções da Companhia União Commercial, 72 a 75. — Recibos capitalizados pelo decreto de 3 de dezembro, 21 e meio a 22 e meio. — Acções sobre o fundo de amortisação, 34 a 36.

Navegação transatlantica. — Os portos do Havre, de Nantes, de Bordéus e de Marselha disputam a concessão da linha de navegação transatlantica. Nantes foi ao principio escolhido para ponto de partida da linha do Brazil. Marselha pertende ainda esta concessão. E nós deixamos as nossas communicações com o Novo Mundo em poder dos estrangeiros!

THEATRO DE S. CARLOS.

O theatro de S. Carlos vae de novo tornar-se o *rendez-vous* da sociedade escolhida de Lisboa. Não é, porém, a uma representação lyrica que iremos assistir, mas sim a um espectaculo de um genero inteiramente novo entre nós.

É uma viagem que se nos proporciona por um preço bem modico, e que transportando-nos nada menos do que á America do Norte, nos faz contemplar no curto espaço de pouco mais de duas horas as margens deliciosas e pittorescas do Mississipi, o maior e mais bello rio do universo. É um panno de quatro milhas de cumprimento e quatorze pés de altura, que se desenrola aos olhos dos espectadores, e lhes faz ver as margens daquelle famoso rio, desde as cataractas de S. Antonio até ao golfo do Mexico.

Este panorama que nos representa a parte mais interessante dos Estados-Unidos, é devido ao talento e á extraordinaria perseverança do insigne pintor americano M. John Smith. Foi á custa de quatorze annos de trabalhos consecutivos, que aquelle artista conseguiu realisar esta obra grandiosa, que lhe tem grangeado uma reputação.

O nome de M. Smith não nos era desconhecido, e frequentes vezes temos lido nas folhas estrangeiras pomposas descripções deste panorama, que tem causado a mais viva sensação nas principaes cidades da Europa.

Tal é o espectaculo que vae dentro em poucos dias prender a nossa attenção, e nós felicitamos por isso o publico de Lisboa.

D. R.